

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

## CHRONICA DOS SALÕES.



Mal descancavamos de haver escripto a chronica que vos demos, leitoras, no domingo passado, eis que vemos mais uma semana quasi a voltar a pagina do passado no grande livro do mundo elegante, e obrigada a fazermos novamente aresenha de quanto occorreu durante ella, para de tudo vos dar fiel conta.

Felizmente, desta vez, não nos acontecerá o caso de não ter que dizer, nem soffrereis o logro que vos pregámos no domingo passado, fazendo-vos ler um artigo que nem uma noticia continha, pois bem sabeis que nada havia occorrido, e portanto já devieis estar prevenidas para nos conceder vossas desculpas e aceitação para os pensamentos geraes com que enchemos a ultima *Chronica dos Salões*.

Com effeito, a brilhante reunião da sociedade *Vestal* nos dá materia sufficiente para uma historia, e ao mesmo tempo para algumas observações, que nos será permitido fazer.

Na noite de 14 do corrente franqueou esta sociedade o seu elegante salão ao concurso numero de seus convidados. A's oito horas teve principio a parte harmonica do divertimento, na qual tomáram logar cinco senhoras que obsequiarão a directoria com a execução de lindas peças de musica, de escolhido gosto; e tambem alguns artistas concorrerão para o prazer desta parte da noite. Seja-nos porém permitido fazer

particular menção da joven dilettanti que pela primeira vez se fez ouvir em companhia, pois que já das outras senhoras temos applaudido o merecimento. Realmente foi muito apreciada a brilhante voz de soprano da Exm. Sra. D. I. P. da S. em uma bella aria da *Prisão de Edimburgo*, que excentou com justeza e cheia de expressao. Sua voz pareceu, ás primeiras notas, um pouco tremula pela impressão muito natural de cantar pela primeira vez diante de tão grande auditorio: mas bem depressa dissipou-se o seu receio, e os applausos que recebeu forão sincera expressão do seu muito merecimento. Queira esta interessante senhora continuar a concorrer para o brilhantismo da sociedade *Vestal*, ceita de que muito agradeou; que a directoria lhe será, sem duvida, grata; e o auditorio a ouvirá sempre com extremo prazer.

Temos esperanças de ver, talvez em breve, restabelecida uma sociedade phil-harmonica no scio da *Vestal*, se a incançavel directoria continuar com perseverança nos cuidados e bellas disposições que emprega para este fim.

Consta-nos que na proxima reunião algumas senhoras de merito artistico reconhecido farão o obsequio de cantar algumas arias, ductos e tercetos, e á de esperar que o numero de cantoras se torne numeroso.

Terminada esta parte do divertimento, e de-

pois de servido o chá com a decencia e abundancia costumada, começou a confusão de damas e de cavalheiros que em delirio procuravão pares para as contradanças. Não houve senhora que não fosse instada; não houve cavalheiro que não pedisse; e houve tambem entre as damas a feliz lembrança de refugiarem-se no *toilette* para deixar passar esses momentos de atroz instar, nas debalde, que os insuportáveis dançantes puzerão em sitio a porta deste mysterioso recinto até que conseguirão a concessão tão desejada de uma contradança.

Quando porém a turba masculina nos cercava, pareceu-nos, leitoras, ao sahir do *toilette* achar alguma cousa de anormal entre os cavalheiros, e logo percebemos que, o que nos causava impressão, era ver que em um baile da ordem da *Vestal*, frequentado por pessoas respeitaveis, se haviam apresentado alguns interessantes cavalheiros trajado calças de cor, outros trazendo na mão chapéo branco, etc., como se estivessem em alguma festa de campo, ou como se fossem elles os mais notaveis figurões que ahí se achassem. Não sabem esses senhores, que o traje preto lhes é imposto em uso, sempre que devem comparecer em algum logar de respeito e cerimonia? Quererão elles servir de modelos para que se adopte agora o estylo *sans facon*? Enganão-se,

porque cremos bem que as senhoras cortarão esse abuso negando-se a dançar com cavalheiros que não estejam trajados convenientemente ao logar em que se achão: é, ao menos, o que temos proposito de fazer para evitar que leveem a franqueza a ponto de irem aos bailes de *sobre-casacas* ou mesmo de *paletós*. Não se desculpem elles com a estação calmosa, da qual já se vão resentindo os nossos salões, na qual as bellas noites de prazer e animação se vão tornando menos frequentes; pois que, se os incommoda o calor, attenção á sua commodidade sem desrespeitar as etiquetas de salão e os usos das sociedades.

Eis aqui, queridas leitoras, o que me occorreu noticiar-vos — e criticar. Talvez alguma cousa mais devessemos mencionar; porém confessamos que nos entretivemos tanto com a musica e com as calças de fantasia de alguns elegantes, que pouca attenção prestámos ao mais, além de alguma insulsa fizeza que fomos obrigada o ouvir, a ponto de se nos render um pomposo elogio por havermos cantado muito bem, sem que tivéssemos ao menos nos aproximado das cantoras! Temos ainda o pezar de haver desconcertado seriamente o lisongeiro negando-lhe acceitação e accusando-o de pouco verdadeiro.

Alina.

## EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 1. — Collarinho — Bordado brasileiro.  
 N.º 2. — Collarinho — Bordado de applicação, de caça sobre filó.  
 N.º 3. — Festão para folhos.  
 N.º 4. — Bordado para lenço — Applicação de caça sobre filó.  
 N.º 5 e 6. — Tiras bordadas a ponto inglez.  
 N.º 7. — Entremeio — Bordado brasileiro.  
 N.º 8. — Meio de lenço a ponto d'armas.  
 N.º 9. — Nome bordado de festão.  
 N.º 10. — Meio de lenço, a ponto real.  
 N.º 11. — Brazão para lenço, a ponto real e ponto inglez.  
 N.º 12. — Nome bordado a ponto real.  
 N.º 13. — Nome bordado a ponto real e festão.

- N.º 14. — Nome bordado a ponto real.  
 N.º 15. — Nome bordado a ponto de cadeia.  
 N.º 16. — Nome bordado a ponto inglez.  
 N.º 17. — Camisinha de caça com entremeio de Valenciana.  
 N.º 18. — Mangas de caça.  
 N.º 19. — Touca de renda e bordado inglez.  
 N.º 20. — Peitinho de fofos de caça e laços de fita.  
 N.º 21. — Mangas de caça, de fofos e laços de fita.  
 N.º 22. — Camisinha bordada.  
 N.º 23 e 24. — Iniciaes bordadas a ponto real.

## A PRIMEIRA MENTIRA.

(Continuado do n.º 42.)

No dia seguinte, Mr. Saint-Elme se apresentou de manhã em casa de M.<sup>me</sup> de Courtenay. Carlos estava ausente, e o visitador tinha um pouco confiado nisso. Lucy, admirada, hesitou primeiro em recebê-lo; depois, lembrando-se que estava á discreção d'elle, e temendo descontenta-lo, deu

ordem que o fizessem entrar para o salão, e appareceu immediatamente.

Mr. Saint-Elme saudou-a com ar que procurava tornar tímido; porém desembaraçou-se logo, entregando-lhe o leque que encontrára na carruagem de M.<sup>me</sup> de Boisjoli:

— Aqui vos frago, senhora, disse elle com tom de confiança, a testemunha muda (carregou nesta palavra) de uma noite de que não posso perder a memoria. Outras testemunhas não serão menos discretas.

Lucy, sem levantar os olhos e sem proferir palavra, fez um movimento de cabeça que indicava um agradecimento.

Mr. Saint-Elme continuou:

— Não será mais licito esperar do acaso a volta de igual ventura?

— Era com effeito um acaso, senhor. Raras vezes estou sósinha, e, quando Mr. de Courtenay está aqui, não vou ao theatro sem elle.

— Nem sempre elle está livre para vos acompanhar. Que mal haveria então em aproveitardes um divertimento que se apresenta e que vos é offerecido por uma amiga?

— Nenhum, sem duvida; mas, a este respeito, nada tenho que desejar, e se julguei dever occultar a Mr. de Courtenay o divertimento que me deu M.<sup>mo</sup> de Boisjoli, foi porque elle sentiria que eu o devesse a outros.

— Sois um anjo. Quão adoravel é a vossa indulgencia! Não se podem dar cores mais agradaveis a um abuso de autoridade. Feliz Courtenay, de reinar n'um coração ao qual outros se gloriao de obedecer!

Lucy começava a sentir-se assaz embarçada, quando Carlos entrou. Por uma delicadeza facil de comprehender, ella não se tinha dado pressa de guardar esse leque trazido com tanto mysterio, e que parecia servir de pretexto á galanteria de Mr. Saint-Elme; porém, á vista de Carlos, quiz pegar nelle: não tendo podido fazel-o com presteza, sua mão estendida sobre a mesa ahi deixou ficar o mal-aventurado leque. Mr. de Courtenay, sorprendido de achar em sua casa a tal hora Mr. Saint-Elme, tinha feito cara carrancuda. Saint-Elme explicou sua visita, offerecendo da parte de M.<sup>mo</sup> de Boisjoli dous logares nos *Bouffes* para a noite. Carlos recusou. A nuvem engrossava. No mesmo instante avistou o leque sobre a mesa.

— Ah! disse elle com um pouco de má humor, cil-o de volta?

— Sim, meu amigo, trouxe-o m'o agora.

Dizendo estas palavras, Lucy corou até os olhos, e lançou a Mr. Saint-Elme um olhar que foi comprehendido e não escapou a Mr. de Courtenay.

Foi Saint-Elme que o trouxe, disse elle consigo.

O sangue lhe fervia nas arterias; elle sahio do salão. Saint-Elme se despediu, e Lucy ficou fria e passada.

Carlos, encerrado em seu gabinete, furioso e desesperado, buseava em vão ordenar um pouco suas idéas. De repente seu espirito se pôz a coejar varias circumstancias que lhe parecêrão gravissimas. A carta queimada, a perturbação de Lucy depois de sua chegada, a assiduidade de Saint-Elme para com ella em casa de sua prima, essa distração singular, e essa indisposição no theatro, precisamente depois de elle ter insistido para que ella pegasse nesse leque; enfim esse mesmo leque quebrado, segundo dizião, achado

ahi ao mesmo tempo que Saint-Elme, e, mais que tudo isso ajuda, a emoção de Lucy e os olhares de intelligencia que sorprendera.

Que fazer para se convencer de uma desgraça que parecia mais que muito certa? Todas as idéas extremas passaram em um momento por este espirito perturbado. Fiar-se, pedir conselho, ir ás inquirições, inquietar M.<sup>mo</sup> de Boisjoli, matar Saint-Elme ou morrer, confundir e desesperar Lucy, Carlos pôz tudo em deliberação. Depois ficou suspenso: a elevação de sua alma venceu a exaltação de seu cerebro. Repelliu como indigno de si tudo o que não era conforme com o respeito que elle tinha á mulher que escolheira, a quem amava, e tambem com o que a si mesmo devia, com seu caracter de franqueza e de lealdade. Escolheu o partido mais prudente, o de conter-se, observar e prevenir sem escandaloso, se fosse tempo, a desgraça, cuja supposição só, lhe transtornava toda a existencia. Reappareceu pois com o ar que queria ser calmo: mas sua agitação era mal disfarçada sob uma apparencia de constrangimento que gelava a pobre Lucy.

Depois de alguns minutos de um silencio de embaraço, ella se aventurou; seu coração se sentia bastante puro e firme para ir ao encontro da suspeita.

— Que tens, Carlos? disse ella com tom meio arrufado, meio asagador; voltaste muito amado. Nunca te vi com semelhante humor.

— Sim, respondeu Carlos com ar sombrio: é preciso tempo para aprender mutuamente a conhecer-se. Faça tambem essa experiencia.

— Que queres dizer? que ha de mudado entre nós?

— Quem sabe? Não sou antes eu que devo perguntal-o?

— Carlos, tu és injusto, disse Lucy estendendo-lhe a mão; eu sou sempre a mesma, tu só....

Mr. de Courtenay se levantou sem pegar na mão que pedia a sua.

— Basta, interrompeu elle; não peço explicações, não quero condescendencias nem recriminações. Supponho que ficaries mais satisfeita de mim, se eu acolhesse mais favoravelmente aquelles a quem honrais com particular benevolencia. Não posso prometter-vos este excesso de complacencia.

Carlos sahio pronunciando estas palavras com tom acre e caustico.

Durante esta curta conferencia, Lucy tinha tido de novo o pensamento de confessar tudo a seu marido, e de explicar assim os diversos incidentes que tinham podido originar suas inquietações; porém, tendo o tom de Carlos tornado impossivel toda a effusão, ella tinha reconcentrado para o intimo de seu coração a verdade prestes a escapar-se. Sentia-se profundamente escandalizada das suspeitas de Carlos, e se maravilhava de ter elle ousado expressal-as. Sua culpa lhe parecia muito leve em comparação deste crime de lesa-confiança e de lesa-afeição. Que! pela mais simples apparencia, elle não hesitava em accusal-a, em condemnal-a sem ouvi-la! Infamava-a, repellia-a, sem que uma duvida, um pezar viesse atravessar-lhe a alma! Que precisão

tinha ella de se accusar com estrondo, de se embaraçar de escrupulos por uma ninharia, quando a julgavão capaz de esquecer seu amor e seus deveres? Ambos se considerarão como victimas, e de parte a parte ficarão agastados com segurança de consciencia. A noite foi agitada; entretanto algumas horas de somno restituirão um pouco de calma aos espiritos.

De manhã, ainda estavam arrufados; mas as disposições estavam modificadas. Carlos sahio cedo e esteve ausente a maior parte do dia. Reflectiu, e deixou a Lucy o tempo de reflectir. Cada um fez então reflexões mais justas sobre si mesmo. Se são mais graves os agravos de Carlos, dizia Lucy consigo, os meus foram os primeiros. Não sou eu a culpada de tudo o que me acontece? Não fui eu a primeira que tive falta de confiança e de sinceridade? A intenção me justifica, mas Carlos não pôde julgá-la. Elle é injusto porque soffre, e é de mim que lhe vem seu soffrimento.... Eu ia talvez dizer tudo hontem, se elle não se tivesse mostrado tão zombador e tão duro. Mas crer-me-ha elle agora? Confessar que menti, não é perder o direito de ser acreditado? Escutar-me-ha sómente, elle que me suspeita sem se dignar de explicar? É indigno, e eu não deveria ter o menor pezar por seu tormento.

Accusando assim alternativamente a Carlos e a si mesma, Lucy não se decidia a nada, desejava e receiava a volta daquelle que occupava todo o seu pensamento. De seu lado, Mr. de Courtenay se exprobrava o ter levado muito longe uma desconfiança ciosa, e sobretudo o não ter-a dissimulado melhor. Tudo o que lhe lembrava da ternura de Lucy, de sua franqueza, de sua rectidão, lhe demonstrava a impossibilidade de uma traição. O que elle tinha podido surpreender desde a vespera pela observação attenta desta natureza sem artificio, parecia dever confirmal-o nestas idéas animadoras. Lucy, pura e nobre menina, tinha por ventura passado subitamente da candura á impudencia e á hypocrisia? E se não era merecido o ultraje que elle lhe fazia, qual não devia ser sua indignação interna? Tinha-a repellido com dureza, sem querer ouvir uma palavra que talvez teria sido uma justificação sem replica. Entretanto, quando reunia este pequeno grupo de circumstancias que tinham excitado suas suspeitas, quando se lembrava (coisa de que queria inutilmente duvidar) do leque achado, dos olhares e da perturbação de Lucy em sua presença, a terrivel convicção se apossava de sua alma com a mesma força que no primeiro momento, e tudo se esvaecia.

Carlos voltou no meio destas dolorosas perplexidades. Lucy não estava só; era o dia em que Mr. e M.<sup>mo</sup> de Courtenay recebião depois de seu casamento. Algumas pessoas erão habitualmente convidadas para jantar: amigos e conhecidos vinhão de noite sem convite. Ainda que Carlos e Lucy não estivessem com boa disposição de espirito no embaraço em que estavam um para com outro, os terceiros, longe de incommodal-os, lhes servião de distração. Todavia os convivas poderão notar os esforços que fazia M.<sup>mo</sup> de Cour-

tenay para parecer alegre, e igualmente a attitude silenciosa e melancolica de seu marido.

Veio pouca gente á noite; e a preoccupação dos donos da casa não pôdia deixar de tornar fria uma reunião pouco numerosa, cujo encanto principal era de ordinario uma *sem ceremonia* de bom gosto, uma alegria que não excluia nem a razão, nem o espirito. A conversação estava languida. M.<sup>mo</sup> de Courtenay tinha bonita voz; pedirão-lhe que cantasse alguma cousa: ella se sentava ao piano, quando annunciarão M.<sup>mo</sup> de Boisjoli e Mr. Saint-Elme. Lucy tremula se pôz a cantar com voz mal segura um romance de Loisa Puget, que primeiro se offereceu, e que começa assim:

Je veux l'aimer sans te le dire,  
Je veux l'aimer sans te l'écrire, etc.

Applaudirão muito; porém Carlos, que da tristeza passara ao enfadamento vindo Mr. Saint-Elme, e que julgou ver uma cousa feita de proposito neste romance, achou-o insignificante, e declarou que elle não quadrou á voz de M.<sup>mo</sup> de Courtenay; depois, dirigindo-se directamente a Lucy:

— O piano não está afinado, lhe disse em meia voz; seria mais conveniente que vos occupasseis com essas cousas. Pois que nisso não cuidastes, aconselho-vos de renunciardes á musica por esta noite. Pois não reparastes na discordancia? Parece que não vedes nem ouvis nada, não pensais em nada.

Lucy ficou interdita, e este incidente, que não passou inapercebido, acabou de gelar a companhia. Mr. de Courtenay deu ordem que se fôrmasse uma mesa de *écarté*. O jogo fez prompta diversão, e produziu um pouco de rumor e de movimento. A noite se adelantava, quando um jogador, confundido ou cansado de uma véa de felicidade obstinada, pediu a M.<sup>mo</sup> de Courtenay que viesse combater o destino e desapossal-o. Ella veio e triumphou da sorte: o feliz jogador foi vencido. Mr. Saint-Elme se apressou a tomar-lhe o logar. Lucy empallideceu; mas todo o seu sangue lhe refluio para o coração quando viu Carlos sentar-se a seu lado e fitar nella um olhar cheio de ameaça. Toda a liberdade de espirito a abandonou; não vendo mais nada, incapaz de seguir seu jogo, jogava suas cartas ao acaso. Os apostadores não queixar-se, quando Carlos os preveniu com desabrida interpeção, que não leve força de conter:

— Que diabo fazeis! disse elle a Lucy com voz assomada pela colera; onde tendes a cabeça? descartais-xos dos trunfos. Não vedes que o trunfo é páis e que tendes o rei? Dai-mé vossas cartas, e deixai a mesa; já não sabeis o que fazeis!

— Perdão, respondeu Lucy balbuciando, estou aturdida.

Os jogadores se apressarão a desculpar a distração ou tontura de M.<sup>mo</sup> de Courtenay. Mr. Saint-Elme queria dar-lhe tempo para socegar-se e recomear a partida.

— Não, disse Carlos com tom abrandado, porém constringido, M.<sup>mo</sup> de Courtenay não sabe jogar. Vou tomar suas cartas.

Confuso elle mesmo do indecoroso despropósito que acabava de fazer por um motivo na appa-

rencia tão leve, estimava tomar certo ar pondoso ao jogo.

Lucy se levantou, com o coração agitado, os olhos cheios de lágrimas, as mulheres que tinham ouvido o colloquio rodearão-na, e elle testemunharão sua sympathia, cada uma conforme seu caracter.

— Eu julgava que tu tinhas um marido modelo, lhe disse sua prima; mas elle toma o cuidado de mostrar-nos que assim não é. Peste! que amabilidade! Far-lhe-hei meu comprimento quando o vir de melhor humor.

— Oh! minha cara, interrompeu M.<sup>mo</sup> Descars, não somos perfeitos. O casamento é uma escola de indulgencia mutua. Os homens são os mais estragados: cumpre que sejamos as mais pacientes.

— Bem lhe tinha eu dito que passaria a lua de mel, disse por seu turno M.<sup>mo</sup> de Boisjoli: ella não tinha visto ainda senão o amante; eis o marido. Pobre pequena! Confesso que eu não teria predito uma mudança tão rapida e tão completa.

Depois, voltando-se para Lucy:

— E' tomar um partido, minha cara, e espero que o tomareis.

A chegada de Mr. de Courtenay pôz termo a esta conversação. Era tarde, todos se retirarão. Lucy temia de se tornar a achar sósinha com Carlos, receava uma tempestade terrivel, e ficou tão pasmada quão commovida de seu silencio. Elle se lançou sobre um sofá como oppresso de fadiga e com a cabeça inclinada sobre a peito, o cotovello encostado em uma de suas mãos, e com a outra cobria a testa e os olhos.

— Bastante me contive! disse elle consigo: quanto tempo serei reduzido a este miseravel papel? Oh! Lucy, Lucy! não sabes a que tormento me eu condeno! Que vingança poderá pagar o que eu soffro? Se eu me enganasse!... E o que preciso para não duvidar mais? Pois não a vi ainda esta noite commovida diante d'elle a ponto de me causar dó? E detive-me á idéa de uma scena publica que me tornaria ridiculo se fosse fundada, mais ridiculo se o não fosse!... Se o não fosse!... pobre louco!...

Enquanto Carlos assim fallava consigo mesmo, Lucy lhe considerava a pallidez e alteração do seu rosto meio escondido. Os movimentos convulsivos da mão que sustentava a testa indicavão a violencia da commoção que ella continha; algumas lagrimas abrazadoras lhe escarpáram por entre os dedos. Lucy deu um grito, e, lançando-se de joelhos:

— Carlos, lhe disse com voz resoluta, eu menti, perdoa-me, vou dizer-te toda a verdade.

Mr. de Courtenay se ergueu como por effeito de um abalo electrico, e fitando os olhos em Lucy:

— Falla, exclamou, falla!... Que tens que dizer-me?

Lucy, sempre ajoelhada, levantou seus olhos limpidos e suas mãos alvissimas para Carlos.

— Eu te enganei, disse ella, mas tu m'o perdoarás... estou muito cruelmente punida. Minha intenção merece tua indulgencia; sem reflectir dissimulei a verdade para te deixar gozar de uma satisfação que eu receiava perturbar. Menti, Carlos, porém não sou mentirosa. Esta confissão tendo-se cada dia tornado mais difficil, e devendo eu fazel-a agora para tranquillisar o teu amor, retive-a varias vezes com receio de assustar tua confiança. Louca que era! eu a perdia para poupal-a. Bem o vejo, tu pensas cousas que te não atreves a dizer; choras, e não me interrogas... Vou contar-te tudo; escuta-me, e nunca duvides de tua Lucy.

Esta voz firme e franca, este olhar puro e seguro, persuadirão Carlos, que tomou entre as mãos a cabeça da amavel menina, cobriu-a de beijos, depois, levantando-a, atrahiu-a em seus braços e a apertou sobre seu coração; então sómente longo suspiro se lhe soltou do peito, e, como desembaraçado de pesado fardo, deixou cahir estas palavras:

— Ah! Lucy, quanto mal me causaste! Porém perdoe-te, já me não lembro mais.

— Lembrar-me-hei eu, disse Lucy levantando-se, e nunca mais terás motivos de desconfiar de minha ternura e de minha sinceridade!

Depois, sentando-se, proseguiu:

— Cumpre-me que me ouças, Carlos, e me acreditarás. Mereço que duvides de meu testemunho; mas invocarei o dos outros, e me não faltará provas.

— Provas, testemunhos! interrompen Carlos; acreditar-te-hei sem isso. Sou tão feliz em possuir-te! Teu coração não illudirá a confiança do meu.

E, abraçando novamente Lucy com effusão, acrescentou:

— Tornei a achar-te; tu me amas; nada mais quero saber.

— Quero que saibas tudo, sim; e não terei descanço senão depois que tiver tornado impossivel a duvida para ti. A mulher que ama verdadeiramente deve explicar até os mais insignificantes incidentes da sua vida, se elles têm causado uma qualquer desconfiança em seu marido. Com essa franqueza a mulher trilha um caminho seguro no coração do homem, não é assim, Carlos?

— Pois bem, para satisfação minha, não me dirás mais nada hoje, e, para tua, escutar-tó-hei amanhã.

(Traduzido por Elisa.)

## POESIA.

### O ECHO.

Quando eu era pequenino  
Subia alegre e traquino  
Da montanha ao alto pino  
Para 'os echos escutar;  
Suppondo ser uma fada  
Que me fallava occultada  
Para ouvir sua toada  
Gritava atda no ar.

Contava-lhe os meus amores  
Meus segredos, minhas dores,  
E os desejos matadores,  
Que eu tinha no coração;  
Eu tinha amores suaves,  
Meus segredos erã graves:  
Sentia não ser as aves,  
Que no ar voando estão.

Eu amava a nuvem lisa,  
Que pelo ar se deslisa,  
Amava o sopró da briza,  
Que beija o calix da flor;  
Amava a lua engraçada  
Com sua côr prateada,  
Ora inteira, ora cortada,  
Sempre triste, e sem calor.

Ouvir do echo eu queria  
Todo o nome, que dizia,  
Mas o echo repetia  
Só das palavras o fim;  
Be certo, o mesmo fallando  
Estava o mesmo pensando;  
E o echo me confirmando  
Eu ia dizendo assim:

Se o teu amiguinho  
Fiel não te enfada,  
Pada,  
Vem já responder-me  
Com tua voz linda  
Inda,  
Se as cousas bonitas,  
Que alguns disserão,  
Erão  
Verdade ou mentira.  
Meu peito esta tarde  
Arde

Por saber se os fadas  
Um bello condão  
Dão;  
Que faz crear azas,  
Que se vaivolvendo,  
Vendo  
Jardins d'outras terras  
Cheios de cheirosas  
Rosas  
Ao pé d'uma fonte....  
Oh! isto é assim?  
Sim.  
Pois da-me unias azas,  
Quero ir na corrente,  
Rente  
Ver a mãi das aguas,  
Que está no profundo  
Fundo;  
E ver perto a nuvem,  
Que no Céu deslisa  
Lisa  
E ver se as estréllas  
São frias ou quentes  
Extes:  
Se ha anjos na lua,  
Se o sol tem cabellos  
Bellos....  
Tu, qu'és uma fada  
Depressa responde,  
Onde  
Acharci taes azas?  
Eu hei de atroar  
O ar  
Bemdizendo as fadas  
Que o mago condão  
Dão,  
Oh! tu juras dar-me  
Um condão assim?  
Sim.  
Adeus, boa fada,  
Que o dia s'esvae....  
Vae.  
A manhã as azas,  
Oh! não é assim?  
Sim....

Aureliano José Lessa.

## UMA HISTORIETA.

Linda e formosa era á noite! O Céu mostrava-se tão puro e sereno como o rosto de uma menina de quinze annos em cujos labios brilha o meigo sorriso da innocencia! A lua, com o seu manto de prata; caminhava lentamente, escoltada por lucidas estrellas.

A atmosphera era livre e saudavel, e uma aragem fresca e suave soprava tão brandamente, que parecia o respirar de uma linda donzella no seu tranquillo e innocente somno!

Jorge, contemplando silencioso tão sublime espectáculo, passeava a sós na praia do Cajú, extasiado dos encantos da natureza que o convidava a viver e amar.

Bem perto dali porém, em uma casa de campo, tudo era alvoroço; e uma multidão era toda entregua aos prazeres da dança e canto. E tambem lá convidava-se a viver e amar!

Mas Jorge fugiu do centro desses prazeres, e veio meditar e chorar, enleado nas maravilhas da natureza; porque elle amava, mas não podia viver: tinha estado com a bella que idolatrava, e junto á ella havia colhido a prova de sua inconstancia.

Uma só idéa occupava o pensamento de Jorge, — o suicidio.

Um relógio sãoz doze pancadas.

— Viver!... oh! quanto é bella a vida gozando-se o objecto amado! Mas a traidora zomba do meu amor, e esta flor é a prova de sua ingratitude.

E, assim exclamando, Jorge apertava entre as suas mãos um lindo cravo branco, cujo perfume mais o martirizava.

E contemplou o extenso mar, e como que perguntou-lhe:

— Morrer ou viver?

— Viver! respondeu uma doce voz; e um miuoso sabiá trinou com tal melodia, que Jorge ficou atonito, e exclamou:

— Não, devo morrer, porque ella é uma ingrata.... Devo abandonar o mundo e todos os seus encantos.... Oh! desgraçado o homem que ama para soffrer ingrátidos!

Neste momento um doloroso suspiro veio surprehender a Jorge, que voltando-se viu junto de si

uma linda joven, toda toucada de branco, com uma linda camelia escondida nos seus bellos cabellos pretos.

Era ella, era Amelia, o anjo a quem Jorge amava.

— Devo morrer, porque já não me amas.... exclamou ella no meio de soluços.

E o seu coração palpitou cheio de dor.

Jorge ajoelhou-se e pediu-lhe perdão; mas, olhando o cravo branco, mudou de côr, e disse-lhe:

— Mas esse cravo, Amelia, não é o signal de vosso perjurio?

— Ingrato! ciumento! Não sabeis que quem me offeriu esta flor foi meu irmão chegado hoje de Inglaterra a bordo do vapor *Severn*?

— Oh! ainda uma vez, perdão, Amelia! exclamou Jorge beijando-lhe a delicada mão.

E seus olhos se encherão de lagrimas.

E seu coração palpitou de alegria.

E seus labios, que ha pouco dizião — morrer! — agora com energia e fervor exclamavão — viver!

Jorge e Amelia entrarão em casa no momento em que todos estavam á mesa. Era uma lauta ceia, e muitos os convidados. Um dos convivas, que queria passar por moço espirituoso, disse em alta voz:

— Como andão os dous priminhos tão juntos!

— Juntos, como devem andar dous esposos, exclamou Jorge. E dirigindo-se ao pai de Amelia accrescentou:

— Permittireis, meu tio, que eu apresente á esta sociedade Amelia como minha futura esposa?

— Uma vez que seja do gosto dolla.

— Meus senhores, um brinde aos futuros noivos, disse uma interessante matrona.

— E que o casamento seja quanto antes, ponderou o espirituoso mancebo.

— Daqui a oito dias, pela festa do Soccorro, disse o pai de Amelia.

E no dia aprazado o nosso tenente, o Sr. Jorge, recebia a bella Amelia por sua mulher.

I. R.

## PEQUENOS ABUSOS.

Não cessão os pequenos abusos!

Quem diria que em um baile de primeira ordem se lembraria homem algum de apresentar-se trajando calças brancas ou alvadias?!

— O uso dos chapéus sempre agarrados na mão, como bonecas em mãos de crianças, é tambem um tanto extravagante havendo nos bailes logar proprio para guardal-os com segurança. Não se lembrão os cavalheiros que, além de encommo-

darem constantemente as senhoras com elles, quando dançam, porque sempre se fica comprimido entre os muitos pares, tambem lhe é prejudicial o uso, porque os chapéus se estragão nos encontros que dão e que levão!

E um sujeito que passeia de bengala na mão pela sala do baile como se estivesse no Passeio publico ou em algum dos boulevards de Pariz.

Se as directorias consentirem nisto por nini.

condescendencia ou delicadeza, ver-se-hão talvez obrigadas a pôr de parte essas considerações para fazel-os apagar os charutos. Este facto classificariamos antes como desrespeito á sociedade, do que como pequeno abuso: entretanto classifique-o cada qual como lhe parecer,

Não me direis, leitoras, como aprenderão a andar certos sujeitos quando erão crianças, para que agora, homens feitos, não saibão evitar os vestidos das senhoras que rasgão constantemente *com os pés?*

E porque razão os cavalheiros que dançam valsas e schotishs não se distribuirão de modo que dancem uns pares em quanto outros descan-

ção um pouco, para evitar que sejámos atiradas consecutivamente umas sobre as outras, como pedéas, soffrendo ás vezes fortes pancadas dadas pelo corpo de algum entusiasmado valsador? Protestámos não tomar parte nessas danças emquanto não tiverem ellas algum preceito, pois que ficamos muito magoadas na ultima vez em que a nossa inexperiencia nos tornou victima de encontrões em uma dessas desordenadas correrias.

Por hoje basta; e para outra vez continuaremos a dizer alguma cousa.

Alina.

## BOLETIM MUSICAL.

A imaginação do homem é incansavel, e o talento artistico está em constante concepção de novos productos de que é fertil, como o viçoso arbusto faz em perenne florescer, desabrochar novas flores com que adorna os prados ao despontar de cada aurora. E como o alegre matiz de flores é o festival ornato dos prados, a musica é o enlevo animador dos nossos salões: e como desabroxa flores em cada aurora apparecem tambem diariamente novas e sempre bellas composições musicaes.

Assim annunciámos hoje com prazer a publicação de mais uma nova quadrilha, de composição do Sr. Ramos, intitulada — *Theresopolina* — que recommendamos ás nossas leitoras por ser de muito bonito gosto. A Sra. Jacobson brindou tambem os amadores com uma grande valsa de sua composição, na qual reproduziu algumas flores de seu bello talento artistico.

Fallarei, entretanto, com especialidade das recentes composições do distincto musico, o Sr. Fachinetti: são tres missas em musica, sendo uma dellas dedicada a S. M. o Imperator, a dous côres, e com sólos de todos os instrumentos, sendo um côro de meninos; e com pancadas

de sino no credo, cujas badaladas representão uma frase da Escripura Sagrada.

Achão-se estas musicas á venda na casa da Sra. Viuva Assis e Comp., a quem vierão remetidas: e pensamos que o digno autor será animado a entregar-se ao trabalho de novas produções de merecimento, em vista do delicado gosto que se desenvolve actualmente pela musica.

Consta-nos tambem que um amator acaba de compor um compendio de musica destinado a um novo systema de ensino, pelo qual se conseguirá apreuder-se a musica como a leitura da escripta vulgar, para que melhor se possa applical-a depois á execução de qualquer instrumento. Se o autor conseguir fazer adoptar este systema de ensino, e produzir elle o resultado desejado, terá prestado á sciencia musical um importante serviço pelo qual receberá grandes louvores.

Entretanto suspendemos o nosso juizo e aguardamos a publicação deste novo trabalho, pelo qual, não obstante, felicitamos o incansavel autor pelo merecimento que anticipadamente lhe suppomos.

Alina.

## CHARADA.

A muitos sustento a vida,  
A defendo, e dou a morte;  
Até dos proprios imperios  
Tambem decido da sorte.

2

Todos me vendo correr,  
Nunca dizem que eu fugi;  
Porque corro, sem deixar  
O lugar em que nasci.

2

Conservando prata e ouro,  
E mil cousas de quebrar,  
Guardo zeloso trancado,  
Para depois entregar.



Acompanha este n.º 45 um padrão de bordados.